

A ópera de Emmanuel Nunes ou a dificuldade do abstracto

● Há muito tempo que uma obra não causava tanta celeuma. *Das Märchen*, de Emmanuel Nunes, sobre texto de Goethe, era descrita como um monumento ao aborrecimento; na sua extensão e hermetismo, a ópera ideal para o massacre do público. Nas primeiras duas récitas, poucos teriam aguentado prolongar a experiência para além do providencial intervalo. Conhecendo-se o estilo do compositor, não custava acreditar na dureza do impacto. Fui ao São Carlos à espera do pior, preparado para desertar da plateia aos primeiros sinais físicos de agonia.

Eu, ao menos, tinha uma vaga ideia sobre o autor. Ia ouvir alguém que continuava orgulhosamente ancorado na vanguarda dos anos 50. Alguém que não fizera caso das tendências libertárias dos anos 60 e que desprezara a emergência dos pós-modernismos a partir dos anos 70. Alguém que, nos anos 80, inculcava nos seus discípulos os seus rígidos princípios progressistas e que nos anos 90 continuava a acreditar na superioridade histórica de uma linguagem puramente atonal. Alguém que encontrara, na manipulação tecnológica do som, um meio de prolongar infinitamente o seu afã de controle composicional. Enfim, no domínio estético, uma espécie de velho comunista empedernido, meio surdo ao mundo e às mundanidades, sustentado na sua teimosia pelo apoio incondicional da Fundação Gulbenkian.

Em suma, ia ouvir um compositor abstraccionista, representante coerente de uma linguagem artística bem identificada. Quem vai a uma exposição de arte abstracta, não se queixe depois de que nela não encontra retratos. Ali ao lado, no Teatro São Luiz, poderia ter ido ouvir, pela segunda vez, outra coisa - um compositor fino, ágil e exacto, de linguagem versátil, curioso e exploratório, sem medo da pincelada figurativa (Luís Tinoco no musical *Evil Machines*) - mas não. A noite era de Nunes.

E foi; não apenas dele, entendase (Karoline Gruber na encenação, Peter Rundel na direcção, etc.): o espectáculo, a começar pelo início goyesco, pelo uso criativo de pequenos recursos cénicos, pelo minimalismo provocatório dos cenários, pela graça dos figurinos, pela sobreposição, desdobração e intersecção de movimentos só aparentemente desencontrados (paralelo ao desdobração de voz cantada e falada, de personagens, de ressonâncias e profundidades espaciais), é de uma inteligência e de uma riqueza estética raras. Cantores, actores, bailarinos, instrumentistas mil, fios e microfones, sem falha assinalável, perfazendo um ambiente único. Primeiro estranha-se, depois entra-se - desde que se deixe vogar o espírito, vagando-o de preconceito.



FOTOGRAFIA DE JANA DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

abstracta, sujeita às limitações atonais, falha na evocação afectiva da alegria (brincadeiras do cão) e do amor (no final do penúltimo quadro). Mas a frieza desses trechos é compensada pela enorme qualidade poética da ópera como um todo. Nela, o pendor dramático de Nunes, que muitas vezes na sua música puramente instrumental surgia redundante e excessivo, encontra um contexto que o motiva, o delimita, o colora. A escala é monumental, mas temperada pela micronarrativa, com o retorno dos andamentos (à maneira de Berg); a planificação é possante, mas as linhas vocais fogem, no detalhe, à pré-programação. Este Nunes, sendo Nunes, é-o de forma invulgarmente empática e carnal. Há muito tempo que não gostava tanto de o ouvir. *Das Märchen* é certamente uma das suas melhores criações, e, à escala europeia, candidata a uma das óperas mais marcantes dos últimos anos.

Terá sido boa ideia?

Estabelecida a bondade da obra artística, resta discutir se foi boa ideia escolhê-la para uma transmissão em directo para teatros em todo o país. A resposta deve proceder do geral para o particular. (1) O propósito de divulgar o género operático para além da sala do Teatro de São Carlos é em si mesmo louvável. (2) Fazer essa divulgação através de uma transmissão em directo, embora não substitua as funções de um verdadeiro Serviço Educativo do TNSC, ao qual se devia atribuir uma acção mais contínua e sustentada, tem a virtude de alargar o público potencial do espectáculo, e estabelece um precedente importante em termos de possibilidades técnicas futuras. (3) Escolher para esse fim uma ópera contemporânea é decerto problemático, devido à estranheza da generalidade do público, mas não insensato, porque entre os jovens há quem se sinta mais atraído por um espectáculo moderno do que pelas glórias do passado. (4) Escolher, entre as óperas contemporâneas, a estreia mundial da primeira ópera de Nunes foi uma aposta, porque a qualidade artística anteriormente demonstrada não garantia uma boa adaptação ao palco operático, mas foi apesar de tudo, segundo creio, uma boa aposta.

É claro que, na prática, o processo não foi tão lógico assim. A escolha de Nunes é emblemática da posição privilegiada que o compositor ocupa entre os decisores nacionais. O resto (investimento na produção e na divulgação) terá vindo por acréscimo. Em contraste com esta situação, o Teatro de São Carlos tem há mais de dez anos a partitura e as partes de uma ópera inédita encomendada pelo Ministério da Cultura a Clotilde Rosa, cujo trajecto artístico, embora mais discreto, é tão respeitável como o de Nunes. Na ausência de padrinhos, a sua inclusão na programação do TNSC continua um sonho tão vivo como é *Das Märchen*.

Opinião



Manuel Pedro Ferreira

Qualidade poética

Afinal, em *Das Märchen* propõe-se um sonho, uma comédia de enigmas. São os nossos sonhos lineares, isentos de contradição? Não incorporam eles repetições, narrativas paralelas, auras, sombras, ilusões? E ilustram eles um texto? Ou captam antes o seu sentido e o seu sentir? Sentir e sentido que aqui se sublimam pela música, arte do evanescente e do sublime. O tempo estirado, um tempo fora do tempo da simples leitura, até do simples canto, é o tempo certo, o tempo onírico, o tempo que do mundo se abstrai. O ritmo do espectáculo está certo: é o ritmo deste tempo, e deste conto de Goethe.

A falta de inteligibilidade imediata da ópera só é um defeito quando não permite preparar pontos nevralgicos do drama, como o sacrifício da serpente (2.ª cena do 2.º acto), ou quando obscurece o trajecto das personagens no final. De resto, as legendas (previstas como exercício paralelo de leitura?) permitem situar-nos no contexto. Quanto à música, ela oferece a inteligibilidade própria do estilo. É verdade que Nunes usa (e talvez abuse) das extremidades dos âmbitos sonoros, de execução desconfortável e nem sempre

Este Nunes, sendo Nunes, é-o de forma invulgarmente empática e carnal. Há muito tempo que não gostava tanto de o ouvir. *Das Märchen* é certamente uma das suas melhores criações

límpida; e não quer evitar, desde que corresponda a um plano previamente traçado, aparentes desarmonias nas combinações de notas e nas sucessões rápidas de ataques, o que, conjugado, dá origem a pormenores de uma fealdade brutal. No entanto, isto não caracteriza, em geral, a textura; a sua cor harmónica, em geral densa e escura, e os seus contornos tendem a ser bem definidos e cuidadosamente limados, havendo mesmo momentos de uma escrita eufoónica, surpreendentemente inspiradora no uso colectivo das vozes. A diversidade não surge ao acaso, tudo encontra o seu lugar e a sua proporção própria, no calmo desenrolar da obra. É certo que a expressividade